

ORGANIZADORES

Daiane Scheid
Jones Machado
Patrícia M. Pêrsigo

TENDÊNCIAS EM COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

Temas emergentes no contexto das organizações

Frederico Westphalen, 2019

FACOS – UFSM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação

Reitor Paulo Afonso Burmann

Vice-reitor Luciano Schuch

Diretor do CCSH Mauri Leodir Lobler

Chefe do Departamento de Ciências da Comunicação Rodrigo Stéfani Correa

FACOS-UFSM

Diretora Editorial Ada Cristina Machado da Silveira

Editora Executiva Sandra Depexe

Comissão Editorial Ada Cristina Machado da Silveira (UFSM)

Eduardo Andrés Vizer (UBA)

Eugênia Maria Mariano da Rocha Barichello (UFSM)

Flavi Ferreira Lisbôa Filho (UFSM)

Maria Ivete Trevisan Fossá (UFSM)

Marina Poggi (UNQ)

Paulo César Castro (UFRJ)

Sonia Rosa Tedeschi (UNL)

Veneza Mayora Ronsini (UFSM)

Conselho Técnico Aline Roes Dalmolin (UFSM)

Administrativo Leandro Stevens (UFSM)

Liliane Dutra Brignol (UFSM)

Sandra Depexe (UFSM)

ISBN: 978-85-8384-091-6

T291 Tendências em comunicação organizacional [recurso eletrônico] : temas emergentes no contexto das organizações / organizadores Daiane Scheid, Jones Machado, Patrícia M. Persigo. – Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2019.
1 e-book : il.

“EstratO (Grupo de Pesquisa em Estratégias Mídiaicas Organizacionais)”

1. Comunicação organizacional 2. Comunicação empresarial I. Scheid, Daiane II. Machado, Jones III. Pérsigo, Patrícia M.

CDU 65.012.45

NARRATIVAS RITUAIS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E ANTROPOLOGIA

Paulo Nassar
Luiz Alberto de Farias
Emiliana Pomarico

“O mito é o que é dito, enquanto o ritual é a maneira como as coisas são ditas”. Levi-Strauss (2008).

Em tempo de obesidade informacional e fome de sentido e significado, a comunicação de uma organização, seja instituição ou empresa, adquiriu dimensão estratégica. Uma estratégia cuja medida de eficácia é o estabelecimento de diálogo, entre os diferentes. A convergência que só o ritual pode promover (por meio de suas narrativas) não admite perdedores, nem ganhadores. Os sistemas rituais milenares – do nascimento, da comensalidade, do acasalamento, do luto – demonstram que é possível trabalhar pelo consenso e pela convergência. Comunicadores e relações-públicas, dos campos da pesquisa e da indústria da comunicação, deveriam, cada vez mais, aproximar-se e debruçar-se sobre essa invenção humana, que nos humaniza e que aproxima os diferentes. Os comunicadores e os relações-públicas deveriam ser, a partir do lugar da narrativa, cada vez mais, antropólogos. Essa potência denominada ritual é uma narrativa, que contém uma plataforma de mídias. Na dimensão da performance é corpo, nas dimensões da pintura, da escultura, do teatro, da música, do audiovisual, da escultura, da arquitetura é arte. O ritual nos aproxima de Dionísio e equilibra o Apolo padronizado. Algo que lembra que, na atualidade, a

comunicação não é parte de um organismo, não pode ser vista mais como processo, como ferramenta. A comunicação é o organismo, em suas dimensões de passado, presente e futuro. A comunicação não é um fenômeno organizacional, que pode ser separado do todo, mas é a própria organização. “Na sociedade atual, a organização é sinônimo de comunicação. É a partir da comunicação, em suas dimensões institucional, mercadológica, humana e arquitetônica, entre outras, que a organização é percebida e se expressa em suas relações com o público e suas redes, com a sociedade e com os mercados” (VELASCO; NASSAR; ZAFRA, 2019) . É a partir deste contexto abrangente, que trazemos, de maneira rápida, a indagação acerca dos papéis e da centralidade da narrativa e do ritual na vida organizacional e na sociedade.

Para procurar respostas (ainda que limitadas), desdobramos a indagação em perguntas que estruturam as definições canônicas de ritual e de um processo de comunicação, já estabelecendo um primeiro paralelo entre os campos da Antropologia e o da Comunicação: **Quem diz?; O que se diz, Para quem e Como é dito?, Onde é dito?; Quando é dito?; Por que é dito? Perguntas que se desdobram em problemas de pesquisa, como exemplificado no quadro a seguir:**

Quem diz?

- Como o ritual expressa e transmite o poder enunciador, nos contextos das Relações Humanas, da Política e da Cultura?

O que se diz, para quem e como é dito?

- Como o ritual como mensagem e mídia, estruturado em gêneros expressivos das Artes e nas mais diferentes culturas, trabalha na perspectiva do Eu e do Outro o que se diz e as formas de dizer (e

| |
|---|
| não dizer)? |
| <p>Onde é dito?</p> <p>- Como se dá a dimensão ritual do espaço, do território, das memórias e das narrativas nas organizações?</p> |
| <p>Quando é dito?</p> <p>- Como se dá nas organizações a dimensão ritual do tempo e suas metáforas e suas relações com os fatos, com as estações do ano; com o passado, presente e com o futuro?</p> |
| <p>Por que é dito?</p> <p>- Como o ritual organiza as razões daquilo que é transmitido (como experiência, conhecimento, informação, sentimento de pertença e de orgulho, no contexto organizacional, a história organizacional contada e vista pela memória individual e social?</p> |

Quadro de Perguntas e de Problemas de Pesquisas⁶⁶ elaborado pelos autores.

A partir do desdobramento da estrutura ritual, apresentada no quadro acima, é possível estabelecer um conjunto abrangente de problemas de pesquisa, em áreas como a Comunicação e as Relações Públicas e suas Interfaces, dentre elas a Antropologia, a Literatura, a

⁶⁶ A forma como Edgar Morin pensa o papel da Universidade, como instituição, é um exemplo de um *locus* onde se ritualiza, com o objetivo de transmissão de saberes, no qual o Quadro de Perguntas e de Problemas de Pesquisas pode ser aplicado. Morin diz: “A Universidade conserva, memoriza, integra, ritualiza uma herança cultural de saberes, ideias, valores; regenera essa herança ao reexaminá-la, atualizá-la, transmiti-la; gera saberes, ideias, valores que passam, então, a fazer parte da herança. Assim, ela é conservadora, regeneradora, geradora. A esse título, a Universidade tem uma missão e uma função transeculares, que vão do passado ao futuro, passando pelo presente; conservou uma missão transnacional, apesar da tendência ao fechamento nacionalista das nações modernas. Dispõe de uma autonomia que lhe permite executar essa missão.” (MORIN, 2005, p.81).

História, a Administração e a Narratologia⁶⁷. O que nos faz abrir neste texto uma breve apresentação sobre os conceitos de narrativa⁶⁸ e de ritual – entendendo que o ritual é uma narrativa, que engaja o Eu e o Outro, almeja inúmeras eficácias em suas mensagens, se utiliza de inúmeras mídias para se realizar, acontece em espaço e culturas com fortes identidades locais, respeita e se repete no tempo – tendo como referências os conteúdos que temos apresentado na disciplina Memórias Rituais: Narrativas da Experiência, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações Artes da Universidade de São Paulo - PPGCOM ECA/USP, destacando também as suas origens situadas em campos do conhecimento como a Literatura, a Antropologia e a História e a sua significação e o seu sentido, no contexto dos estudos contemporâneos da Comunicação e suas Interfaces.

⁶⁷ A Narratologia, campo das Ciências Humanas, voltado epistemologicamente a estudar o papel dos sistemas narrativos nas sociedades, buscando, como destaca Motta (2004, p.83), compreender a construção dos fenômenos “intersubjetivamente seus significados através da apreensão, representação e expressão narrativa da realidade”.

⁶⁸ Benedito Nunes (2013, p.8) sobre o conceito de Narrativa afirma: “Contudo, no sentido mais amplo que admitimos hoje, cabe chamar de narrativa a títulos diferentes, ao mito, à lenda e ao caso, formas simples, literariamente fecundas, mas que não são propriamente literárias como o conto, a novela e o romance; às várias espécies de relatos orais e a modalidades de escrita – biografias, memórias, reportagens, crônicas e historiografia – sobre eventos ou seres reais, que se excluem do nível ficcional ; e, finalmente, alcançando ou não esse nível, às formas visuais, ou obtidas com meios gráficos (histórias em quadrinhos), e com meios pictográficos ou escultóricos, como determinadas pinturas ou esculturas que nos legaram a Idade Média e o Renascimento ou que são obtidas através da imagem cinematográfica e televisada”.

A Narrativa e o Ritual Como Organizadores da Ação das Empresas e Instituições e dos Indivíduos

Mais do que saber construir e contar as suas histórias, o ser humano construiu a si e as suas sociedades pela permanência no tempo milenar de suas narrativas, principalmente a partir daquelas narrativas que foram escritas. A volatilidade ocasionada pela corrosão do tempo e a imprecisão da narrativa oral foi diminuída pela escrita na cerâmica, na pedra, no metal, no papiro e no papel. Dentre os primeiros enunciadores, o poeta foi substituído pelo escriba no papel de registrar os acontecimentos de uma sociedade, os seus protagonistas, as suas experiências e aprendizados. Esse papel da narrativa, estruturada a partir de um ethos, de um pathos e de um logos (ARISTÓTELES, 2011), situada em um tempo histórico (RICOUER, 2010), como um relato organizador do lugar, da casa, da comunidade, de transformar o espaço em território humanizado é destacado por autores, a partir de seus contextos históricos, como Aristóteles, Cícero, Agostinho, até chegar, entre nós, a diversas narratologias e outros lugares de fala, dentre eles a Memória e a História. De onde, separamos Martin Putschner, que reflete, a partir do marco fundador da invenção da escrita, sobre como as grandes histórias humanas deram sentido e significado à ação de civilizações e de seus homens e mulheres, – dentre esse tipo de narrativa fundamental, destacado por Putschner, está a Epopeia de Gilgamesh, criada pelos sumérios, cerca de 4000 A.C., além das conhecidas obras gregas, a Ilíada e a Odisseia, de autoria atribuída a Homero. Putschner (2019, p.51 e 52) nos mostra que o relato da jornada de Gilgamesh, preservada pela escrita cuneiforme, em tabuletas de argila, que nos lembra o formato dos modernos smartphones, nos dá acesso ao mundo subjetivo dos

mesopotâmios, separados de nós por milhares de anos, “à sua visão e forma de organizar e se mover no mundo”. [Um decifrar] que “traz à luz a linguagem, a história da Assíria, os costumes, as ciências, as tecnologias, suas imaginações e crenças”. Com este mesmo sentido, Putschner (2019) destaca o papel da *Ilíada*, de Homero, na formação e na ação de Alexandre, sem esquecer que este célebre grego teve um dos maiores professores da história, Aristóteles. Plutarco (2004, p.26) nos diz que “Alexandre tinha [...] uma atração natural pela literatura: gostava de estudar e de ler. Considerava a *Ilíada* um arsenal para a arte da guerra; e era assim que a chamava, Aristóteles lhe deu a edição desse poema, por ele próprio corrigida, e chamada “edição de caixinha”. Alexandre – segundo conta Onesicrites – punha-a todas as noites à cabeceira, como fazia com a espada”. Ainda, em um olhar alargado sobre o Leste do mundo, Putschner (2019), ressalta o papel fundamental do Torá, na formação, coesão e existência do povo judeu – a quem lembra-nos ser “o povo do livro”; no Romance de Genji (1000 D.C.), este autor, vê a delicadeza na relação entre os homens e as mulheres japonesas, descrita pela autora do primeiro grande romance da história, Murasaki Shikibu.

As grandes literaturas com suas histórias da criação do mundo, do presente e do futuro, com seus protagonistas mostrados como deuses e demônios, ou apenas como frágeis seres humanos, cumprem o seu papel de compartilhar destinos e experiências, além de transmitir, de alguma forma, conhecimento e sabedoria. Alberto Manguel, em sua *Una historia de la Lectura*, destaca que a narrativa nos antecipa experiências que possamos ter durante as nossas vidas:

[...] devo aos livros minhas primeiras experiências. Quando mais tarde na vida, eu tropecei com acontecimentos ou circunstâncias ou personagens

semelhantes a algo que já havia lido, tinha normalmente a sensação ligeiramente surpreendente, porém decepcionante, de um *déjà vu*, ao imaginar que o que agora estava ocorrendo já me havia ocorrido e já me havia sucedido em palavras, já tinha nome” (2013, p.38).

As milenares narrativas religiosas da Bíblia, de Buda, de Confúcio; as narrativas filosóficas iluministas de Diderot, Rousseau, Lavoisier; as narrativas políticas de Marx e Engels, dentre tantas outras, são agregadoras de sentimentos e criadoras de vínculos fortes, em uma escala que começa em laços entre pessoas próximas até a união entre bilhões de pessoas, que jamais se viram ou partilharam um mesmo tempo, um mesmo território, uma mesma cultura.

Nessa toada que nos leva até as profundezas do tempo, Joseph Campbell, pensa o mito como narrativa, e estabelece que esse tipo de história “é um conjunto de imagens que dá à consciência um significado na existência” (2008, p.34). Para este mitólogo, as narrativas nos explicam as perguntas sem respostas do universo físico e o da alma. O que é o universo? Qual é a sua data fundadora? Qual é a sua dimensão? Quem é Deus? O que é a vida? O que é a morte? As narrativas nessas dimensões de tempo e de espaço são apaziguadoras, nos acalmam, nos orientam diante da existência, do cosmo, do universo, em meio aos acontecimentos irreversíveis, como a morte, e principalmente durante as grandes crises, as grandes perdas, as grandes transformações. Na perspectiva desse autor, mito é uma narrativa crucial para o estabelecimento de algum equilíbrio entre os homens, os seus ambientes sociais e a natureza. Sem mito [entendido] como narrativa não há o humano.

O historiador Harari (2017, p. 36) pensa o papel das narrativas nas arenas da história, da política, da opinião pública, quando afirma

que: “Toda cooperação humana [...] seja um Estado moderno, uma igreja medieval, uma cidade antiga ou uma tribo arcaica – se baseia em mitos partilhados que só existem na imaginação coletiva das pessoas.

No campo das grandes narrativas científicas, Brockman escreve que “O homem cria instrumentos e depois molda-se à imagem deles. A realidade é fabricada pelo homem. O universo é uma invenção, uma metáfora”. E explica a sua abordagem:

O coração é uma bomba é declaração que todos aceitamos como um truísmo. O cérebro é um computador é um enunciado que muitos começam a aceitar. Isaac Newton criou uma metodologia mecanicista e nós inventamos a nós mesmos em termos de linguagem mecanicista O homem cria instrumentos e depois molda-se à imagem deles. “Agora, [...]um médico retira uma amostra de sangue, analisa-a com auxílio de computador e recebe um diagnóstico cifrado com centenas de informações para diagnóstico. Em vez de máquinas, nós nos vemos como um processo de informação. A metáfora muda continuamente” (BROCKMAN, 1988, p.11).

Em uma reflexão sobre a narrativa como criadora de mundos visíveis e invisíveis, e passagem, a partir do presente, para o passado e para o futuro, o escritor angolano José Eduardo Agualusa (2019, p. 8) nos fala que uma boa narrativa “é sempre uma máquina do tempo, não só por nos fazer viajar para outras eras e lugares, mas, sobretudo, pelo poder que tem de desacelerar as horas”. Nessa linhagem narrativa, lembrada por Agualusa, estão Antígona (por volta de 442 A.C), tragédia escrita por Sófocles, e as Mil e Uma Noites, obras primas nas quais duas mulheres memoráveis enfrentam dois homens poderosos, metáforas do poder masculino e do Estado, e do

estabelecido pelo aparato laico em disputa com os preceitos do sagrado. As expressões orais dessas tramas, principalmente das tragédias gregas, são lugares de sociabilidade, de discussão da política e do pensamento sobre o sagrado. Rosenfield (2002, p.8-10), ao analisar Sófocles e Antígona, destaca a “educação pela narrativa” pela prática ritual proporcionada pela representação de tragédias, sempre dedicadas a Dionísio, realizadas no locus estratégico, o anfiteatro, para a transmissão e consolidação dos pilares institucionais da *pólis* grega. Já na história árabe, tem-se Sherazade tecendo uma história por dia, como em uma série moderna, para se agarrar a vida e humanizar pela narrativa um sultão assassino em pai e marido amoroso. Temos nestes dois exemplos os elementos que começam a delinear o sistema ritual, configurados na conexão do mito (narrativa), com a sua dimensão expressiva, costurada – a partir de enunciadores envolvidos em algum tipo de disputa. O ritual como narrativa se apresenta em texto, em corpos, em performance de atores, em voz (palavras, murmúrios e cantos), em imagens ou canto, mais a marcação obrigatória – a partir do poder de um sacerdote, xamã, executivo moderno – do espaço (o anfiteatro, a sala do palácio, a oca indígena) onde se desdobra o acontecimento (*decorum*, cerimônia, liturgia, magia, homenagem,⁶⁹,...). Ritual sempre caracterizado por um “eterno retorno” (repetição) do que é dito, bem dito, mal dito ou não dito, com intenções de atingindo alguma eficácia.

Esses elementos descritos do ritual, em enlace com alguma narrativa, definida por algum poder organizacional, são comuns nas reflexões de autores que, a partir do século XIX, tem feito sobre

⁶⁹ Grimes (1982) identifica modos de rituais, entre eles, o *decorum*, a cerimônia, a liturgia, a magia e a celebração.

sistemas rituais, dentre eles, Edward Burnett Tylor, Levi-Strauss (2008), Radcliffe-Brown, Arnold Von Gennep (1978), Mircea Eliade (1989), Joseph Campbell (2008, 2003 e 1990), Robin Horton (1994), Ronald L. Grimes (1982), Catherine Bell (1997), Richard Schechner (1990 e 1994) e S.J.Tambiah (1979). A maioria deles pertencentes no que literatura antropológica categorizou como escola Intelectualista ou Simbolista. Como ressalta Bowie (2006), os intelectualistas, entre os quais Edward Burnett Tylor (1871) são um ponto de partida conceitual, viam as práticas rituais, entre elas, a religião, como um meio de explicação do universo. Estabelecendo outra abordagem, Durkheim via a religião como uma linguagem simbólica que estabelece orientações sobre a ordem social. Mircea Eliade (1907-1986) e Robin Horton são representantes destacáveis da Escola Intelectualista. Eliade prioriza os mitos para explicar eventos cosmogônicos – como o mundo, os deuses e os homens surgiram. Para Eliade (1989), o ritual é uma reencenação dessa narrativa primal, trazendo o passado continuamente para o presente.

No contexto da disciplina Memórias Rituais: Narrativas da Experiência, disciplina ministrada por nós, no PPGCOM ECA-USP, organizamos para os nossos alunos essa centenária e imensa discussão em um conceito em progresso que reúne aspectos pragmáticos e simbólicos das práticas rituais destacados por essas duas correntes da Antropologia e da Religião, somados a elas elementos da Mitologia. Essa definição aproxima as definições oriundas do campo da Antropologia com o campo da Comunicação, ao afirmar

Os rituais são **narrativas** construídas por meio de elementos simbólicos (corporais, orais ou não orais) que são marcados pela repetição e pela **intenção retórica**. Em um primeiro enquadramento conceitual

pode-se falar em narrativas da **experiência**. Estão presentes em todas as culturas, como processos de identificação e afirmação dessas culturas e de seus integrantes. Em um segundo enquadramento conceitual pode-se falar em memórias rituais. Essas narrativas rituais e da experiência – marcadas na memória humana – podem se caracterizar como sagradas ou profanas (NASSAR; FARIAS, 2018, p.348).

Nesta definição encontram-se os principais elementos do processo ritual destacados pela maioria dos autores elencados neste texto. Para esses autores, os rituais têm impactos sociais e psicológicos nos indivíduos em suas atuações grupais e no âmbito da sociedade. A suas narrativas em ação, que configuram as experiências, canalizam e expressam emoções, promovem a orientação de comportamentos, consolidam ou questionam o *status quo*. Estão ligados às forças da vida, expressos nos principais elementos míticos da natureza: a água, o fogo, a terra e o ar. Bowie (2006) nos diz que os rituais podem ser usados para manter as forças da vida e a fertilidade da terra, e garantir relacionamentos corretos com o mundo invisível, seja dos espíritos, antepassados, mortos, divindades, ou outras forças sobrenaturais. Os rituais também estão intimamente conectados com violência, destruição e bode expiatório. Acima de tudo, eles são dramáticos, em uma dimensão que nos levará, passando pelo ditirambo, ao teatro, à performance, ao espetáculo. Uma visão pragmática assinala que a passagem dos valores mais profundamente arraigados de uma cultura de uma geração para outra tem no ritual um processo facilitador e educativo. Rituais podem ser vistos como performance, sempre balizado pela cultura local, com envolvimento de audiência e do poder organizacional.

Considerações Finais

Aos inúmeros aspectos que estruturam os argumentos que apontam para a afirmação de que o ritual é uma narrativa⁷⁰ (TODOROV, 1973), estabelecida com intensões retóricas soma-se a forma como Tambiah aproxima este conceito oriundo da Antropologia do campo da Comunicação. Para Tambiah,

O ritual é um sistema culturalmente construído de **comunicação simbólica**. É constituído de sequências padronizadas e ordenadas de palavras e atos, muitas vezes expressas em **múltiplas mídias**, cujo conteúdo e arranjo são caracterizados em graus variados pela formalidade (convencionalidade), estereotípia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição) (TAMBIAH, 1979, p. 119, grifo nosso).

Conceito que legitima os estudos das narrativas rituais em nossas pesquisas no campo das Interfaces da Comunicação, com o objetivo de estabelecer e responder problemas de pesquisas, como os exemplificados em nosso texto. E mais do que isso afirmar a centralidade das narrativas rituais para a efetividade dos processos de comunicação no ambiente das organizações e da sociedade.

⁷⁰ "[a narrativa] tem dois aspectos: ela é ao mesmo tempo uma história e um discurso. Ela é história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. Esta mesma história poderia ter-nos sido relatada por outros meios; por um filme, por exemplo; ou poder-se-ia tê-la ouvido pela narrativa oral de uma testemunha, sem que fosse expressa em um livro. Mas, a obra é ao mesmo tempo discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a percebe. Neste nível, não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los." (1973, p. 211).

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Rideel, 2007.

AGUALUSA, José Eduardo. Breviário do pirômano suicida. *O Globo*, Rio de Janeiro. 24 ago. 2019. Segundo Caderno, p.8.

BELL, Catherine. *Ritual Perspectives and Dimensions*. Oxford and New York: Oxford University Press, 1997.

BOWIE, Fiona *The Anthropology of religion: an introduction..* 2nd ed. Blackwell Publishing. Oxford, 2006.

BROCKMAN, John. *Einstein, Gertrude Stein, Wittgenstein e Frankenstein*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CAMPBELL, Joseph. *Mito e transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.

CAMPBELL, Joseph. *A jornada do herói: Joseph Campbell vida e obra*. São Paulo: Ágora, 2003.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

ELIADE, Mircea. *The myth of the Eternal Return: Cosmos and History*. London: Arkana, Penguin, 1989.

FARIAS, Luiz-Alberto de. *Opiniões voláteis: Opinião Pública e construção de sentido*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1978.

GRIMES, Ronald L. *Beginnings in Ritual Studies*. Lanham, MD: University Press of America, 1982.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

HORTON, Robin. *Patterns of Trough in Africa and the West*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MANGUEL, Alberto. *Una historia de la Lectura*. Madrid: Alianza Editorial, 2013.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: análise da narrativa jornalística*. Brasília: Casa das Musas, 2004, p. 83.

NASSAR, Paulo. *Relações Públicas na construção da responsabilidade histórica e no resgate da memória institucional das organizações*. São Paulo: Difusão, 2007.

NASSAR, Paulo. Novas narrativas e memória: olhares epistemológicos. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling Kunsch. (Org.). *Comunicação organizacional estratégica*. São Paulo: Summus, 2016. v.1. p. 77-100.

NASSAR, Paulo; FARIAS, L. A. B. . Memória, identidade e as empresas brasileiras: a difícil metamorfose. In: FILGUEIRA, João; PEIXINHO, Ana Teresa (Orgs.). *Narrativas Mediáticas e Comunicação: Construção da Memória como Processo de Identidade Organizacional*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 331-356.

NASSAR, Paulo; RIBEIRO, Emiliana Pomarico. Velhas e Novas Narrativas. Disponível em <http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/index.php/anteriores/85-revista-8/52-2012-2-art5> Acesso em 31.jul.2019.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PLUTARCO, *Alexandre*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PUTCHNER, Martin. *O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização.*; tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICOUER, Paul. Tempo e narrativa: Volume 1: A intriga e a narrativa histórica. Tradução: Claudia Berliner. Revisão da tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. Volume 2: A configuração do tempo na narrativa de ficção. Volume 3: O tempo narrado. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROSENFELD, Kathrin H. *Sófocles & Antígona*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SHECHENER, Richard. *Performance Theory*. New York and London: Routledge, 1994.

SHECHENER, Richard; WILLA, Appel (org.). *By Means of Performance. Intercultural Studies of Theater and Ritual*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1990.

STRAUSS, Levi. *Antropologia estrutural*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

TAMBIAH, S.J. *A Performative Approach to Ritual*. London: The British Academy and Oxford University Press. 1979.

TODOROV, Tzvetan As Categorias da Narrativa Literária. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p. 209-254.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VELASCO, José Manuel ; NASSAR, Paulo; ZAFRA, Jorge López. *Cumplir y Explicar: comunicación y gobierno corporativo*. Madrid: Llorente Y Cuenca, 2019. Disponível em: <https://ideas.llorenteycuenca.com/2019/08/cumplir-y-explicar-comunicacion-y-gobierno-corporativo/> Acesso em: 28 ago. 2019.